



**ENAN
PUR 2023**
Belém 22 a 26 de maio



Experiência etnográfica no entorno do Hospital da Ordem Terceira em Belém/PA

Cibelly Alessandra Rodrigues Figueiredo

Prof. Dra. da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Pará

Julia Góes de Aguiar

Discente da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Pará

Luiz Felipe Martins Gouvea

Discente da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Pará

Sessão Temática VI: Cidade, história e identidade cultural

Resumo. O artigo busca entender as relações estabelecidas no entorno do Hospital da Ordem Terceira, nosocômio mais antigo situado no mesmo sítio do centro histórico da cidade de Belém, na Amazônia brasileira. Concomitantemente, verificar a influência que o edifício provoca na região na qual se insere, utilizando-se de aspectos da memória e da identidade cultural para entender sua relevância no espaço citadino, além de aferir hipóteses para seu menor destaque em relação à arquitetura hospitalar nesta cidade de colonização lusa. Para aferir dados qualitativos, foi utilizado o método de pesquisa etnográfica, estudo advindo da Antropologia e o PIER - Procedimento de Investigação Etnográfica Rápida. Para a obtenção de dados quantitativos, questionários foram realizados virtualmente afim de abranger um público de Belém e Região Metropolitana. Por meio destas abordagens metodológicas, evidenciam-se a relevância deste hospital para seu entorno mais próximo, bem como a importância do método etnográfico para obtenção dessa conclusão.

Palavras-chave: Etnografia; Antropologia urbana; Hospital da Ordem Terceira; Amazônia; Belém.

Ethnographic experience on the surroundings of the Hospital da Ordem Terceira in Belém/PA

Abstract. *The article aims to understand the relations established in the surroundings of the Hospital da Ordem Terceira, the oldest nosocomium located at the same site at the historical center of Belém, in the Brazilian Amazon. Concurrently, verify the influence the building has on the region it's placed in, by using aspects of the memory and cultural identity to understand its importance for the urban space, along with hypothesis about the little emphasis it receives in relation to the hospital architecture from this city of Portuguese colonization. To assess qualitative data it was used the ethnographic method, a type of research derived from anthropology, and PIER - Rapid Ethnographic Investigation Procedure. To obtain quantitative data, questionnaires were virtually conducted in order to reach an audience from Belém and its Metropolitan Region. Through these methodological approaches, the relevance of the hospital to its closest surroundings was evidenced, together with the importance of the ethnographic method for the attainment of this conclusion.*

Keywords: Ethnography; Urban anthropology; Ordem Terceira; Amazônia; Belém.

Experiencia etnográfica en torno al Hospital da Ordem Terceira en Belém/PA

Resumen. O artículo pretende comprender las relaciones que se establecen en torno al Hospital da Ordem Terceira, nosocomio más antiguo situado en el mismo sitio del centro histórico de la ciudad de Belém, en la Amazonía brasileña. Al mismo tiempo, verificar la influencia que el edificio ejerce en la región donde se encuentra, utilizando aspectos de la memoria y la identidad cultural para comprender su importancia en el espacio urbano, así como hipótesis sobre su menor protagonismo en relación con la arquitectura hospitalaria en esta ciudad de colonización portuguesa. Para evaluar los datos cualitativos, se utilizó el método de investigación etnográfica, estudio procedente de la antropología, y el PIER - Procedimiento de Investigación Etnográfica Rápida. Para obtener datos cuantitativos, se realizaron cuestionarios de manera virtual, con el fin de cubrir una audiencia de Belém y su Región Metropolitana. A través de estos enfoques metodológicos, se puso de manifiesto la relevancia de este hospital para su entorno inmediato, tal como la importancia del método etnográfico para obtener esta conclusión.

Palabras clave: Etnografía; Antropología urbana; Ordem Terceira; Amazônia; Belém.

1. Introdução

Esse presente estudo tem como objetivo principal evidenciar a importância do Hospital da Ordem Terceira de São Francisco de Assis no contexto urbano no qual está inserido a partir da análise e percepção sensorial do seu entorno, realizada por meio da Etnografia de Rua e do Procedimento de Investigação Etnográfica Rápida- PIER, métodos da Antropologia para apreensão das relações simbólicas que os usuários têm com o espaço. No âmbito histórico, de acordo com Cybelle Miranda (2010), o hospital possui mais de 150 anos de assistência na Amazônia, com caráter singular de ser o mais antigo de Belém em funcionamento ininterrupto na mesma localização. A Ordem Franciscana, vindo de Lisboa em 1626, tem sua história atrelada a da cidade fundada em 1616, denominada Província de Santa Maria do Grão Pará e, posteriormente Belém com o objetivo de colonizar através da fé e de cuidar dos doentes sem distinções. Em busca disso, estabeleceram-se na porção fundadora da cidade, no atual bairro da Campina, no qual construíram uma enfermaria a qual, em 10 de janeiro de 1867, torna-se o Hospital da Ordem Terceira, com três enfermarias: São Roque, Santa Clara e Santo Ivo (MIRANDA, 2010).

Esse caráter histórico da Ordem franciscana e por conseguinte, do Hospital, atraiu o nosso interesse ao percebermos que, apesar de sua relevância histórico-patrimonial, há uma exiguidade de informações em comparação a outros hospitais lusos fundados no século XIX em Belém, como a Santa Casa de Misericórdia e o Hospital D. Luiz I da Benemérita Sociedade Portuguesa Beneficente do Pará. Para além disso, o nosso entendimento sobre a história assistencial e importância como exemplar arquitetônico modificado pelas pessoas do contemporâneo da mesma maneira nos impulsionou ao estudo a partir da experiência prática em ambientes urbanos.

Assim, baseados em Ana Luiza Rocha e Cornélia Eckert (2001), definimos como aporte metodológico a Etnografia de Rua, advinda das ciências humanas, para fazer uma incursão no entorno do Hospital da Ordem Terceira com o objetivo de conhecer e entender sua importância como patrimônio e a sua relação com seus usuários. Renata de Godoy (2014, p. 19) apresenta o PIER como a “aplicação de métodos de levantamento de dados rápidos utilizando fontes diversas a fim de garantir a idoneidade dos resultados”; e, realizamos uma pesquisa de formulário *on-line*, efetuado no período de 1 a 7 de dezembro de 2022, divulgando abertamente para moradores de Belém e sua Região Metropolitana¹, a fim de avaliar o conhecimento de indivíduos em outros contextos acerca do Hospital.

Deste modo, explicaremos o método de coleta de dados nesta pesquisa, ou seja, a Etnografia de Rua e o PIER e a pesquisa *online* em modelo de formulário. Em seguida descreveremos a experiência etnográfica dos autores e, finalmente, analisaremos através dos dados coletados na pesquisa do formulário e na experiência etnográfica, evidências sobre o protagonismo do Hospital da Ordem Terceira na dinâmica cotidiana daquele entorno patrimonializado como uma demanda contemporânea além de hipóteses que sugiram seu esquecimento como Patrimônio Histórico hospitalar da cidade de Belém.

2. A Etnografia de Rua como ferramenta metodológica

“A etnografia é descrever prática e saberes de sujeitos e grupos sociais a partir de diversas técnicas como observações e conversações, desenvolvidas no contexto de uma pesquisa” (ROCHA & ECKERT, 2001, p. 3), com isso, a aplicação deste método ocorre dentro do contexto primariamente urbano e no qual existe uma relação entre pesquisador e pesquisado na qual a interação entre estas partes protagoniza a construção da análise do estudo. Ao adotarmos a Etnografia de Rua como metodologia para fundamentar o entendimento em relação à visão do “Outro”, mudamos nosso olhar para além da nossa graduação e visão própria de moradores da cidade, porém de outros contextos citadinos. Conforme Cybelle Miranda e Dinah Tutya (2020), o aporte de outras ciências humanas corrobora com estudos na nossa área.

A Arquitetura enquanto ciência transdisciplinar demanda a ampliação de horizontes e adaptação de métodos advindos das ciências humanas para que os anseios dos usuários sejam conhecidos e traduzidos, em especial quando nos reportamos às arquiteturas do passado. (MIRANDA; TUTYIA, 2020, p. 3).

Conforme Rocha & Eckert (2001, p. 4), pesquisas baseadas na Etnografia de Rua reconhecem e aprovam a cidade como um espaço de “interações sociais e trajetórias singulares de grupos e/ou indivíduos cujas rotinas estão referidas a uma tradição cultural que as transcende”. Da mesma forma, Cibelly Figueiredo (2022) pontua que a interação entre sujeitos que, em um primeiro momento parecem estar sob a hierarquia de pesquisador e pesquisado, no decorrer do contato ambos se situam em suas narrativas e ações a partir do contato com saberes e fazeres do Outro. Ademais, ainda, acreditamos que essa metodologia como aporte é de grande relevância, não somente para construção do conhecimento sobre a cidade, sua história e identidade cultural e arquitetônica, mas simultaneamente para enriquecer o olhar e sensibilidade de outros pesquisadores. Sob esta ótica, Claude Lévi-Strauss (1991) ao inferir que o antropólogo precisa da experiência de campo, podemos dizer que o pesquisador-arquiteto se beneficia dessa prática na qual “ela não é nem um objetivo de sua profissão, nem um remate de sua cultura, nem uma aprendizagem técnica. Representa um momento crucial de sua educação, antes do qual ele poderá possuir conhecimentos descontínuos que jamais formarão um todo” (LÉVI-STRAUSS, 1991, p. 415-416).

Assim, fizemos uma incursão em grupo no dia 9 de novembro de 2022, a qual, de acordo com José Magnani (2002), em uma posição “de perto e de dentro”, possibilitou a aplicação do PIER, com “métodos de levantamento de dados rápidos utilizando fontes diversas a fim de garantir a idoneidade dos resultados” (GODOY, 2014, p. 20) na experiência de chegar e estar no entorno. Desta forma, realizamos anotações de diário de campo, gravação de áudio e fotografias, entrevistas, pesquisa bibliográfica e documental concernente ao estudo da assistência hospitalar na Belém de outrora. A posteriori ainda recorreremos à pesquisa por meio de formulário *online* com enfoque de resposta de um público-alvo dos nossos contextos sociais, como amigos, familiares e colegas de faculdade. Em seguida analisaremos, em conjugação com os dados coletados em campo e verificados durante o trajeto percorrido, a breve vivência no entorno do Hospital da Ordem Terceira.

3. Registros sensoriais da experiência etnográfica: o olhar do visitante

O habitar uma cidade por um determinado período infere relações entre o espaço e o indivíduo. A vivência se estabelece de variadas maneiras, voluntária ou involuntariamente, e gera impactos não só em um indivíduo como naqueles ao redor. A criação de vínculos com um lugar proporciona ao indivíduo o conhecimento de parte da história local, mesmo que superficialmente.

A partir da percepção da relação do ser humano com a cidade, pesquisamos acerca do entorno do Hospital da Ordem Terceira e sobre como ele toma parte nessas relações. Mesmo morando na região metropolitana de Belém a vida inteira, e mesmo estabelecendo relações com o centro histórico da cidade, o hospital passou despercebido por nós, o que tornou nossa pesquisa desafiante. Nosso desconhecimento acabou por servir como exemplo inicial da nossa questão, por qual motivo um hospital de importância histórica tão grande passa despercebido na cidade?

início de experiência revela a vulnerabilidade social feminina no andar na cidade. Nas pesquisas etnográficas, percebemos que o pesquisador homem vivencia a pesquisa em conjuntura divergente de uma pesquisadora mulher, haja vista a prudência para assegurar a integridade física.

Encontramo-nos por volta das 16:00 horas e começamos nossa caminhada. Ao atravessamos a movimentada e imponente Av. Presidente Vargas, percebemos que nossos sentidos estavam mais atentos ao movimento de automóveis e pessoas. A pesquisa etnográfica acionou uma percepção que ainda não havíamos presenciado. Esta rua já nos era familiar, mas percebemos naquele dia as sombras das mangueiras frondosa, o aroma da comida paraense comercializada pelos ambulantes, as buzinas de um trânsito caótico, parado apenas por um semáforo que proporcionou nossa travessia para a Rua Santo Antônio (Figura 2).



Figura 2. Vista da Rua Santo Antônio direção Av. Presidente Vargas (fonte: elaborado pelos autores).

Ao adentrarmos as estreitas ruas do centro histórico, o fluxo de pessoas e de veículos se evidenciou a partir do contraste com a movimentação do horário na Presidente Vargas, uma das ruas mais importantes para a cidade, a qual promove acesso ao centro comercial e a importantes prédios de Belém. Portanto, caminhar em direção ao próximo quarteirão e no qual se localiza o Hospital, foi como partir de uma realidade para outra completamente diferente.

Quando chegamos ao Hospital, a fachada (Figura 3) modificada em relação à sua construção inicial, impactou a partir da imagem de uma das fotos antigas que acessamos antes da incursão (Figura 4). Nas pesquisas prévias realizadas no LAMEMO, laboratório da FAU-UFPA, demonstravam-se as alterações arquitetônicas, mas não conseguimos mensurar até o momento desse primeiro encontro. Imaginávamos que a fachada ainda seguia o mesmo padrão arquitetônico de outras construções do mesmo período, assim como outros prédios ao seu redor. Essa idealização foi o principal motivo da estranheza inicial, o Hospital acarreta um impacto visual no entorno, contudo, contrário do previamente imaginado.



Figura 3. Vista da fachada do Hospital atualmente (fonte: elaborado pelos autores).

A fachada hodierna do Hospital da Ordem Terceira encontra-se bastante modificada da fachada original (Figura 4), mesmo para alguém que não conhece a imagem antiga da edificação, percebe-se que aquele prédio uma vez foi diferente. Esta afirmação se baseia na comparação com as edificações do entorno imediato, as quais seguem um padrão arquitetônico classicista, característico do século XIX e que se interrompe na edificação do Hospital. A fachada alterada interfere, de modo irreversível, na identidade arquitetônica original, e, desta forma, destaca-se um bloco branco inserido nas construções históricas. De acordo com Cybelle Miranda (2010):

Hoje as características arquitetônicas se perderam. Esquadrias de madeira com venezianas foram substituídas por balancins em ferro, a platibanda foi completamente perdida e os detalhes arquitetônicos substituídos por marcações horizontais e verticais por toda a fachada, num claro padrão “modernizante”. Além destas alterações na aparência da edificação, ela foi ampliada com a compra da edificação ao lado. (MIRANDA, 2010, p. 8).



Figura 4. Vista da fachada do Hospital em 1910 (fonte: FERREZ, 1910).

Após processarmos nossas primeiras impressões, pudemos seguir. Um homem observava esses nossos olhares curiosos (Figura 5), e, no diário de campo registramos que "logo em frente existe um senhor de cabelos longos, vestindo colete de cor viva típica de guarda carros. Olhava atentamente todo movimento, inclusive o nosso. Esse olhar atento nos desperta a aproximação para uma conversa, 'acerto certo'. O tempo que não conhecíamos esse local, Charles tem o dobro de vivência nele. Aqui ele fez amigos, parceiros, fala com orgulho que já entrou no colégio, na igreja, no hospital, no prédio à frente. Já dançou, cantou, caiu de bêbado e que poderia nos contar tudo".



Figura 5. Charles sentado em seu ponto ao lado do hospital (fonte: elaborado pelos autores).

A receptividade sinalizou que ele seria um nativo daquele lugar. Em pouco tempo desenrolamos uma conversa atenta sobre sua rotina de trabalho e de convivência no entorno do nosocômio. Apesar de trabalhar com a guarda de veículos há apenas um ano, revela que durante sua vida, frequenta aquele "pedaço", no termo utilizado por José Magnani (1998), e denota pertencimento pela vivência desenvolvida ali.

A conversa se desenrolou por quase uma hora, o que demonstra que na pesquisa do campo torna-se relevante escutar o outro, mesmo que haja momentos entrelaçados por relatos particulares. Charles voltou ao foco da vivência naquele lugar e como aquela edificação influencia no entorno, pois, anexo ao hospital, existe a Capela de São Francisco da Penitência (Figura 6) e logo após a fachada posterior e mais antiga do Colégio Santo Antônio (Figura 7). Em relação à Capela, descreve que, além das celebrações dominicais, a Capela está quase sempre aberta aos fiéis, com o costume de ser frequentada pelos familiares de pacientes do Hospital. Essa narrativa demonstra a ligação entre a Capela e o Hospital. Além disso, existe a relação da Praça D. Macedo Costa, onde existe o estacionamento de veículos e que serve de cenário para pequenas festividades da Arquidiocese de Belém.

Sobre a influência da movimentação de alunos do Colégio sobre o Hospital, relatou que o portão principal se localiza na Av. Assis de Vasconcelos, lado oposto ao pesquisado, o que apresenta ausência destes transeuntes naquela área específica, mas que é interrompida pela presença ocasional do porteiro.



Figura 6. Detalhe torre do sino da capela de São Francisco (fonte: elaborado pelos autores).



Figura 7. Fachada posterior do Colégio Santo Antônio (fonte: elaborado pelos autores).

Esses relatos nos mostraram como aquela região está imersa em uma rotina própria, na qual existe um vínculo estabelecido entre as pessoas que a frequentam, mesmo que este tenha se formado de forma inconsciente.

Ainda no decorrer da conversa, para além daquele entorno imediato do hospital, cujo atendimento em grande parte é pelo Sistema único de Saúde- SUS, os prédios mais antigos serviram de moradia subsidiada pelo governo municipal aos refugiados venezuelanos, o que proporcionou um aspecto estrangeiro naquela região e que nos remonta às origens do bairro da Campina, de origem portuguesa. Simultaneamente existe a presença dos africanos, os quais naquela área de Belém trabalham como ambulantes. Assim, o bairro carrega, atualmente, o destino de pessoas advindas de outros países, tal como no tempo de sua inicial estruturação.

E como seria a região do Hospital durante a noite? Charles discorre que a partir das 19:00 horas o ambiente que vimos se encerra, fica vazio, sem veículos ou transeuntes subordinados aos horários comerciais dos arredores. Por causa do pequeno fluxo de carros, contrário das grandes avenidas que existem ao redor, e da presença do Hospital, com sua iluminação noturna, uma outra realidade preenche aquele entorno: a de pessoas em situação de rua. Destacou que a presença dessas pessoas sugere um aumento de assaltos nas imediações do Hospital, principalmente em carros estacionados naquelas ruas. Com isto, elencou a relevância da presença dos guardadores de carro naquela área.

Seguimos na quadra do Hospital (Figura 8) a fim de relacionar o conhecimento prévio aos assimilados durante nossa primeira conversa com um informante. Entretanto, como diversos fatores interferem na realização da etnografia, mais cedo uma forte chuva interferiu no movimento de pessoas e veículos. Mesmo diante do cenário, seguimos até a Av. Assis de Vasconcelos, onde esperávamos conseguir informações com funcionários ou alunos do Colégio Santo Antônio. Fato não concretizado, pois o porteiro, apesar de termos nos apresentado e esclarecido o nosso objetivo, recusou-se a participar da pesquisa.



Figura 8. Percurso da caminhada no entorno do hospital (fonte: *Google Earth*, adaptado pelos autores).

Ao completar a volta no quarteirão a chuva havia cessado e uma movimentação maior ocorreu. O relógio marcou 17:00 horas e o fluxo de pessoas aumentou. Algumas se dirigiam ao estacionamento para recolher seu carro e outras à venda de salgados localizada na esquina da Tv. Frei Gil com a Rua Santo Antônio, confluência na qual situa-se o Hospital. O ambulante não se desvencilhou de nossas duas tentativas de abordagem. Na primeira, estava em uma conversa com um freguês que nos pareceu fiel ao ponto de comida, e, na segunda investida, o vendedor pegou o celular e sinalizou que não poderia falar. Então percebemos a recusa ao estudo e nos afastamos.

Com isto, refletimos que, em três ruas, talvez pela chuva, ou por ser nossa primeira experiência no campo, mesmo com a abordagem teórica prévia, na prática houve outros desafios os quais não estávamos preparados. Essas situações ajudaram a atender um pouco melhor o funcionamento do estudo.

Assim retornamos pela Rua Santo Antônio até a Presidente Vargas. Com o sol quase se pondo, decidimos encerrar nossa incursão. Voltamos para casa a muitos quilômetros daquele ponto, porém agora carregando não mais a estranheza daquele lugar, mas um início de conhecimento.

4. O “Outro” como protagonista do reconhecimento do patrimônio

Sob a ótica de Ana Rocha & Cornelia Eckert (2003), conhecer e descrever a cidade são práticas intrínsecas, e que para descrevê-la é indispensável conhecer as relações sociais, as rotinas, culturas e tradições que nela ocorrem. Assim, são necessários aprofundamento e entendimento da relação entre o Eu e o Outro. Portanto, torna-se fundamental conhecer a vivência da cidade e suas múltiplas dinâmicas.

A cidade histórica apresentada de modo formal em escolas e museus, não é a mesma cidade daquele que caminha por entre suas ruas e experiencia o cotidiano do espaço. Para o andarilho, diversos aspectos relativamente ocultos da experiência urbana são revelados conforme o indivíduo se mescla nas multidões, perde-se entre ruas e avenidas e participa das interações sociais. Nesse aspecto em que a compreensão do espaço por um nativo e por um estrangeiro se diferencia. Assim, conversas cotidianas realizadas no espaço citadino disseminam conhecimento intrínseco ao local estudado, de um modo que apenas estudos formais convencionais não seriam capazes de descobrir, com particularidades que os livros de história tendem a excluir.

Fraya Frehse (2013) apresenta a rua, na etnografia, como um espaço dotado de um sistema complexo de relações humanas. Neste artigo, os protagonistas foram os que trabalham naquelas ruas todos os dias. O olhar desses “não- transeuntes” (FREHSE, 2013) revela aquele cotidiano, e principalmente um olhar apurado destes para com seu espaço. É exatamente esse caráter único da observação pessoal que faz com que uma pesquisa de entendimento no contexto urbano evidencie esses outros olhares, dando protagonismo a uma visão além do pesquisador.

No caso da nossa pesquisa, esses olhares que guiaram nosso entendimento daquele local se deu através de pessoas que Frehse (2013) caracteriza como “não-transeuntes”, que são essas pessoas que não necessariamente residem ali, mas que tem uma relação muito mais próxima e prolongada do que os transeuntes, que podemos dizer que são os pedestres e até mesmo nós, estudiosos em um breve período de tempo. Os transeuntes criam uma relação rápida, por vezes efêmera e pautada geralmente em um fragmento de rotina. Diferentemente, os não-transeuntes consideram o local como representante de parte de sua rotina, que no nosso contexto são os trabalhadores de rua.

Cibelly Figueiredo (2022) demonstra a relevância do registro do primeiro contato, o qual documenta aquilo que antes nos parece familiar, porém distanciado pela ausência de conhecimento aprofundado. O distanciamento perderá esta particularidade com o decorrer de outros contatos. Por isto, registrar em forma de fotografia o primeiro contato com nossos entrevistados, com o Hospital e com a rua, foram “práticas vivenciadas em contato direto com paisagens do passado e ressignificadas no presente, e a interpretação do que foi experienciado apresenta um cunho científico ao lançar questões que incentivarão debates, mesmo que antagônicos” (FIGUEIREDO, 2022, p. 25).

Em nossa incursão, questionamentos sobre o campo de pesquisa, como abordar, ideias de aproximação foram revisitadas após nossa primeira entrevista e contato direto com o objeto da pesquisa. O primeiro contato transforma essas perguntas e ideias, bem como os pesquisadores. Magnani (2022) descreve esse *insight* que se dá com o contato com a experiência etnográfica.

Em suma: a natureza da explicação pela via etnográfica tem como base um *insight* que permite reorganizar dados percebidos como fragmentários, informações ainda dispersas, indícios soltos, num novo arranjo que não é mais o arranjo nativo (mas que parte dele, leva-o em conta, foi suscitado por ele) nem aquele com o qual o pesquisador iniciou a pesquisa. Este novo arranjo carrega as marcas de ambos: mais geral do que a explicação nativa, presa às particularidades de seu contexto, pode ser aplicado a outras ocorrências; no entanto, é mais denso que o esquema teórico inicial do pesquisador, pois tem agora como referente o "concreto vivido". (MAGNANI, 2002, p.11)

Assim, essa nossa construção de entendimento se deu com o nosso olhar em conjunto com o daquelas pessoas que ali estavam. Chegamos com uma prévia pesquisa e entendimento que aquele pequeno pedaço do bairro Campina seria, para além de uma visão pré-estabelecida pela pouca ou nenhuma vivência que tínhamos naquele entorno. Um caráter que cabe a reflexão é de que existe a noção de relevância daquele hospital para aqueles que estão próximos, mas não necessariamente uma importância histórica ou arquitetônica, motivos que nos levaram até ali.

A multiplicidade de elos que constroem essa relação se interliga a um caráter individual, seja pelo movimento funcional do hospital por questões de saúde; seja pelos potenciais clientes que possam vir de lá e, dessa forma, necessitam de uma rede de suporte oferecida pelos ambulantes e comerciantes do entorno; ou até, como é o caso das pessoas em situação de rua, que se aproximam pela fonte luminosa que advém do hospital durante a noite ou até mesmo pela segurança de um rápido atendimento, caso precisem.

Contudo, o valor histórico e arquitetônico que o Hospital da Ordem Terceira possui na cidade de Belém, pelo fato de sua antiguidade e relevância no tratamento hospitalar é desconhecido pelas pessoas que frequentam. Uma hipótese desse valor não ser relevante pode ser pelo contraste do edifício do Hospital da Ordem Terceira com os do entorno que ainda possuem caráter de antiguidade, pois ao logo dos anos, sofreu algumas modificações as quais retiraram suas características clássicas.

Sem esses atributos de edificações antigas, perde-se a concepção de história a ser preservada na cidade, pois em um primeiro contato, podemos dizer que o hospital poderia ser fruto de uma construção muito mais recente. Miranda (2010, p. 9) descreve que “com a anexação do casario adjacente e a necessidade de modernização e adequação aos novos conceitos de construção e higiene hospitalar, não há vestígios claros desta morfologia”. O reforço de apagamento da figura histórica evidencia-se nos contrastes que a edificação possui com a Capela, na qual suas características arquitetônicas foram preservadas.

Mesmo que por outros motivos, portanto, conseguimos perceber pelas várias interações em diferentes pontos do entorno que quem vive ali por perto reconhece sua importância. Todavia, fica ainda a questão de porque esse hospital passar tão despercebido numa região tão cheia de prédios históricos e de movimento de pessoas? A principal hipótese nasce exatamente do entorno, o hospital está sim situado no coração do bairro da Campina e perto de grandes pontos turísticos, porém, bem em meio a um quarteirão, cujo acessos se dão apenas pelas estreitas vias características da parte mais antiga da cidade. Logo, o trânsito mais maciço de pessoas se concentra nas principais avenidas em volta, como a Presidente Vargas e a Assis de Vasconcelos, fazendo com que edificações que ficam mais adentro do quarteirão sejam vistas apenas por um público mais direcionado, ou seja, no caso do hospital: trabalhadores e moradores daquele pedaço ou usuários do hospital.

Tais entendimentos só puderam ter sido pensados pautados na vivência, mesmo que mínimas, naquele lugar. Por isso ressaltamos mais uma vez a construção da reflexão acerca da etnografia de rua junto com a visão dos pesquisadores e pesquisados, essa mescla de olhares, vivências, impressões, rotinas e pensamento enriquece o trabalho e aprofunda suas reflexões.

A etnografia é uma forma especial de operar em que o pesquisador entra em contato com o universo dos pesquisados e compartilha seu horizonte, não para permanecer lá ou mesmo para atestar a lógica de sua visão de mundo, mas para, seguindo-os até onde seja

possível, numa verdadeira relação de troca, comparar suas próprias teorias com as deles e assim tentar sair com um modelo novo de entendimento ou, ao menos, com uma pista nova, não prevista anteriormente (MAGNANI, 2009, p. 7).

Após a realização de pesquisas mais específicas em busca de dados, pudemos perceber que mesmo que a existência e importância do hospital seja reconhecida no seu entorno mais próximo, este fato não se estende à urbe amazônica.

Assim, após a realização da nossa incursão a *loco*, elaboramos uma rápida pesquisa, a qual se estendeu do dia 1º até o dia 7 de dezembro, em forma de questionário online, efetuada através da ferramenta *Google Forms*. Desse modo, o objetivo foi saber se, para indivíduos em nosso contexto de vivência cotidiana (amigos, familiares e colegas de faculdade) e conseqüentemente residentes da Região Metropolitana, nosso não conhecimento daquele hospital se estendia a eles também. Foram perguntados, primeiramente, se conheciam o hospital, dentre as 133 respostas obtidas 28% responderam “Sim, conheço e sei onde fica” e 17,3% responderam “Sim, mas não sei onde fica” enquanto a maioria, 54,1%, responderam que não conheciam o hospital da ordem terceira. O interessante desse primeiro dado, é que até mesmo entre aqueles que conheciam de alguma forma o hospital, quase metade não sabia da sua localização.

Os participantes que responderam que sim, conheciam o nosocômio, em qualquer uma das duas opções, foram redirecionados a mais duas perguntas. A primeira delas tratava do conhecimento acerca das antigas características arquitetônicas do hospital, onde 42,6% afirmaram conhecer alguma e a maioria, sendo 57,4%, declarou não conhecer. A próxima pergunta seguia na mesma linha de raciocínio, questionando sobre o conhecimento das atuais características arquitetônicas do hospital, o resultado foi semelhante: 47,5% diz se lembrar de algo, porém 52,5% não lembra de nenhuma.

Esse resultado, de algum modo, pode ser consequência do desinteresse em disseminar a história deste nosocômio. No meio acadêmico no qual o formulário foi aplicado, evidenciamos o desconhecimento acerca da existência do Hospital. Com isto, levantamos hipóteses que considerem a influência que a faixa etária tem nesse aspecto. Sob outra análise, considerando as conversas informais, percebemos como a população mais idosa, em sua maioria, reconhecia o hospital apenas com uma breve menção do nome, mesmo morando relativamente afastada dele. Essa informação abre espaço para outro questionamento, em que momento as informações acerca do Hospital da Ordem Terceira deixaram de ser divulgadas? Que ingerência tornou o Hospital invisível aos belenenses?

Por fim, diversas peças de um quebra-cabeças começam a se encaixar, revelando as particularidades que levam a atual situação do Hospital em um cenário urbano. Seu tempo de construção, sua localização, sua atual arquitetura e a sobreposição histórica que ocorreu no entorno com reformas e restaurações, inserem-se nas causas de sua invisibilidade. Sandra Latally (2004) descreve a cidade como um palimpsesto, nome grego dado a pergaminho cuja primeira escrita foi apagada para dar lugar a uma nova, metáfora esta que se encaixa perfeitamente ao Hospital da Ordem Terceira e ao modo como parte de sua história foi ofuscada para dar lugar à uma nova.

5. Considerações Finais

Existe a noção da dimensão de que nosso primeiro contato não abrange a impressão completa da vivência daquele espaço. Porém, a transformação do olhar que partiu dessa pesquisa assume que não somos mais estrangeiros naquele lugar e não nos é mais estranho escutar o nome do Hospital. Agora sabemos sua localização, conhecemos algumas atividades no entorno hospitalar, percebemos o movimento de diversas camadas sociais naquela rua, e soubemos que, quando a noite chegar, algumas pessoas em situação de rua farão daquele mesmo chão onde os carros e nossos passos passaram, seu leito de descanso.

O Hospital segue na sua missão de atender e cuidar de enfermos, vivendo há mais de 150 anos como protagonista daquele pedaço, como condutor das constantes mudanças que o meio urbano proporciona. O Hospital se modificou e se moldou ao espaço, com muitas reformas e descaracterização da sua arquitetura original e participa da dinâmica urbana para além da área da saúde.

Assim, buscamos contribuir, a partir da Etnografia de Rua, para emergir o olhar do pesquisador ao Patrimônio Arquitetônico Hospitalar, mesmo ponderando que uma incursão não é o suficiente para entendermos a dinâmica daquele lugar. Então, cabe a consideração que se “deve distinguir entre ‘prática etnográfica’ de ‘experiência etnográfica’: enquanto a prática é programada, contínua, a experiência é descontínua, imprevista” (MAGNANI, 2009). E são esses imprevistos, esses passos curiosos e descontínuos que também revelam a cidade e seus saberes e dinâmicas.

6. Referências

ECKERT, C.; ROCHA, A. L. C. da. Etnografia de Rua: Estudo de Antropologia Urbana. **ILUMINURAS**, Porto Alegre, v. 4, n. 7, 2003.

FERREZ, Gilberto. **Igreja de Santo Antônio, Capela da Ordem Terceira de São Francisco e Hospital da Ordem terceira**. 1080 x 846,23 px. Disponível em: <https://brasilianafotografica.bn.gov.br/brasiliana/handle/20.500.12156.1/2210>. Acesso em: 02/11/2022.

FREHSE, Fraya. “A rua no Brasil em questão (etnográfica)”, **Anuário Antropológico** [Online], v.38 N.2, 2013, posto online no dia 01 fevereiro 2014, consultado em 12 de dezembro de 2022. URL: <http://journals.openedition.org/aa/572> ; DOI: <https://doi.org/10.4000/aa.5>

FIGUEIREDO, Cibelly. “Arqueologia sensorial na Amazônia brasileira: percepções em um trajeto noturno à Praça do Carmo, centro histórico de Belém”, **Vestígios**, Vol.16, N. 1.

FIGUEIREDO, Cybelle; GODOY, Renata de. “Desvendando o passado para entender o presente: uma proposta etnográfica para o patrimônio arqueológico de Belém/PA”, **VI Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo - VI ENANPARQ**. Brasília, pp. 12- 14.

GODOY, R. de. Arqueologia e o público em sítios históricos: uma reflexão. **Habitus** 12(1):9-22. 2014.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia estrutural**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1991.

LIMA, J. J; MOYSES. Organizadores. A. **Como andam Belém e Goiânia**, Rio de Janeiro: Letra Capital: Observatório das Metrópoles, 2009.

MIRANDA, Cybelle **“Memória da assistência à Saúde em Belém-PA: Arquitetura como documento**, I Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo - I ENANPARQ. 2010.

MIRANDA, Cybelle; TUTYIA, Dinah Reiko. **“Arquitetura, memória, etnografia: Ampliando horizontes”**, VI Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo - VI ENANPARQ 2020.

MAGNANI, José. “De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana”. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. São Paulo, Vol. 17, N. 49.

MAGNANI, José. “A etnografia como prática e experiência”. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, N. 32, pp. 129-156.

MAGNANI, J. Guilherme. (1998), **Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade**. São Paulo, Hucitec. 1 ed., Brasiliense, 1984.

NASCIMENTO, José Lúcio; VIEIRA, Armando; SANTOS, Gilvanilde.” Memória da hotelaria em Belém-Pa-BR: Grande hotel”. **Revista Turismo & Desenvolvimento**. Belém, N. 27/28, pp. 419 – 421.

ECKERT, C. .; ROCHA, A. L. C. da . A arte de narrar as (nas) cidades: etnografia de (na) rua, alteridades em deslocamento. **Hawò**, Goiânia, V. 1, pp. 1–52, 2020. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/hawo/article/view/63521>. Acesso em: 16 dez. 2022.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Com os olhos no passado: a cidade como palimpsesto. **Esboços: revista do Programa de Pós-Graduação em História, Departamento de História**, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina. Vol. 11, n. 11 (2004), p. 25-30, 2004.

¹ A Região Metropolitana de Belém – RMB é representada pelos municípios de Belém, Ananindeua, Marituba, Benevides e Santa Barbara do Pará, conforme (LIMA, 2009).